



Comunicação COVID19

Ponto de situação 19 de Maio

Terça, 19 de Maio de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

29.432 CASOS DE COVID-19

MAIS 223 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,76%



ÓBITOS

1.247 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 16 VÍTIMAS MORTAIS (+1,29%)

NORTE-707

CENTRO-227

LISBOA E VALE DO TEJO-282

ALENTEJO-1

ALGARVE-15

AÇORES-15

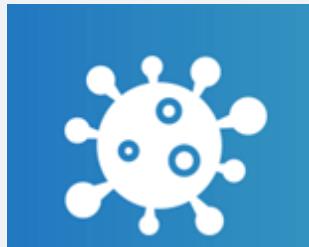
MADEIRA-0

6.431 CASOS DE RECUPERAÇÃO

2.349 AGUARDAM RESULTADOS

298.501 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

629 INTERNADOS (2,13%) / 101 UCI (0,34%)



**Lei pede
recolhimento,
Governo pede
consumo.**

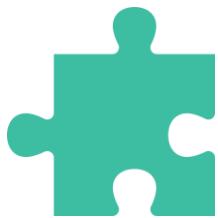
Alemanha e França propõem 500 MM€ para Fundo de Recuperação das economias afetadas.

**Forte recuo da
produção na
construção em
março na zona euro
e EU.**

Emigrantes podem regressar a Portugal sem quarentena obrigatória- Governo.

**UE adota pacote de
apoio temporário
para atenuar riscos
de desemprego-
100 mil milhões.**

UE reitera apoio à OMS e diz que não é o momento de “apontar o dedo”



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição) Governo não quer publicidade a casinos online antes das 22h30. Desconfinamento. Maioria dos alunos compareceu à chamada. No regresso dos restaurantes clientes fiéis foram dar o seu apoio. Alemanha e França propõem fundo de 500 mil milhões. "O PS não pode tratar militantes como parvos", diz Ana Gomes. Estudo da OMS. Pouco exercício físico e uma crescente falta de amor pela escola distinguem adolescentes portugueses. **(Online)– Com novas recomendações por causa da pandemia, a maternidade é vivida a vários tempos em Portugal.** Regresso das visitas aos lares: "Nunca mais chegava este dia. Gostei muito de ver a minha mãe". OMS: Avaliação à gestão da pandemia sim, mas não para já. Regresso às escolas: voltar a ver colegas e professores "é libertador". Morreu Michel Piccoli, um aventureiro do cinema. Bares e discotecas podem não reabrir no Verão. Aviso de Costa assusta sector. PSD propõe prémios para recompensar profissionais de saúde. Recorde de desconfinamento foi ultrapassado esta segunda-feira. 55% dos portugueses já saíram à rua. Trump admite que está a tomar hidroxicloroquina. "Ana Gomes prestará serviço extraordinário à democracia portuguesa", diz Assis.



(Edição Digital) Portugal contra "quarentenas gerais" admite negociações no quadro da EU. Restaurantes e cafés preparados, os clientes é que não aparecem. Bispo de Pemba "Os jovens de Cabo delgado são presa fácil para quem oferece dinheiro". Skinheads em Portugal. A organização, as músicas, os códigos e o amor a Hitler. Índia confinada põe maior grupo de calçado português em lay-off. Síria. Rami Makhlouf, de aliado a dor de cabeça para o primo Assad. **(Online)** Chegaram a medo, saem confiantes em voltar. O regresso às escolas. Bernardino Soares: "Passa muito tempo entre o anúncio das medidas e a concretização". Empresa americana – Moderna – anuncia

"resultados positivos" em vacina da covid-19. Reunião da OMS. EUA criticam ausência de Taiwan e apontam "falhanço" que "custou muitas vidas".



Gestores do Novo Banco campeões do bónus. Prémios milionários e imbatíveis. Banqueiros do Santander, BCP e BPI recebem menos.

Instituição soma prejuízos de 7 mil milhões. Restauração pede um ano de layoff. Praias obrigadas a ter sala para quarentena. Bazuka franco-alemã ressuscita economia da EU. Presidenciais – Ana Gomes dá luta a Costa. Diretivos Ultras XXI. Emboscada a claque faz três feridos. Varandas enfrenta duas demissões. RTP gasta 948 mil em estudos de audiência.



Igreja de Braga investiga queixas de abusos sexuais sobre menores. Regresso tímido. Empresas devem pagar o salário a funcionários que acusam febre. Paredes. Emigrante que matou motards fica 25 anos na cadeia. União Europeia. Injeção de 500 milhões a fundo perdido na economia. Férias. Portugueses procuram casas isoladas com piscina. Crescem pedidos de ajuda a crianças e idosos em isolamento.



(Edição) FC Porto em risco de ficar fora das competições europeias. Presidenciais. Ana Gomes pondera avançar e António

José Seguro é falado. Equipa de Ana Leal acusa diretor da TVI de censurar várias notícias. Layoff. Programa de Estabilidade prevê pagar apenas a 792 mil trabalhadores. Mil médicos com sintomas ou contactos de risco não fizeram teste. Renda segura. Alojamento local passa para renda acessível em Lisboa. Creches com meia dúzia de crianças e restaurantes sem clientes. Das favelas de São Paulo às aldeias do Amazonas, o caos no Brasil.



(Edição) Empresas que pagam acima do lay-off isentas de TSU. Lei pede recolhimento, Governo pede consumo. Autoridades dizem que pais podem recusar teletrabalho. Regulador quer Galp a comprar gás natural no mercado. Autoridades dizem que pais podem recusar teletrabalho. João

Marrão, Partner da Deloitte “Investidores oportunistas vão voltar ao imobiliário”. Estado chamado a salvar empresas. Vai ter mais poder? Autoestradas. Brisa perde dois processos no Supremo contra Fisco. Sheik árabe deixa 500 trabalhadores sem salário em Portugal: “Sentimo-nos abandonados”. **(Online) Empresários já temem uma nova “covid” no futuro.** Merkel e Macron querem fundo de recuperação de 500 mil milhões com subvenções. Vacina norte-americana dá primeiros “sinais promissores”. CIP. Quase metade das empresas estavam encerradas na semana passada. Marcelo apela ao “vá para fora cá dentro” para reforçar “confiança”. CMVM indefere fim da OPA à Media Capital e dá à Cofina 10 dias para esclarecer.



(Online)- Falta de máscaras, viseiras, desinfetante e restrições de espaço. 75% das empresas com dificuldades em cumprir regras para abrir portas. “Bónus numa empresa com prejuízos não é necessariamente mau”, diz António de Sousa, antigo governador do Banco de Portugal. António de Sousa equipara Centeno a Beleza, Constâncio, Jacinto Nunes e Silva Lopes. “Conhece bem o Banco de Portugal”. Decisão da CMVM “ajuda” Prisa no braço de ferro com Cofina. Não afasta Mário Ferreira da TVI. Mário Ferreira não quer as ações da Cofina. “Para mim, são lixo”. Central de Sines vai fechar? Governo já estuda alternativas para garantir segurança energética do país. Macron e Merkel propõem fundo de recuperação com 500 mil milhões. João Vieira Lopes sobre lay-off: “Governo não se devia ter comprometido com prazos impossíveis”. Trabalhadores informais têm de pedir apoio até 30 de junho. PSD propõe regime para PME venderem créditos fiscais e receberem injeção de liquidez. AHRESP propõe ao Governo onze medidas para capitalizar empresas.



(Online) Holanda, Áustria, Dinamarca e Suécia continuam a defender Fundo de Recuperação com empréstimos. Marcelo otimista que Fundo de Recuperação não agravará dívida pública. “A desinformação é a doença do século”, considera Comissão Europeia. Observatório da AR diz que contexto do risco de incêndios é “preocupante” em 2020. Sergio Moro apela a investigação de acusações feitas por ex-aliado de Bolsonaro. Visitas a reclusos poderão ser retomadas em junho. Reindustrialização falha por “pouca inteligência de políticas públicas”, considera presidente da Partex.

Ginásios reúnem-se hoje com Governo e DGS. Objetivo é reabrir a 1 de junho. Força Aérea tem até 4,5 milhões para comprar 12 drones para o combate a incêndios florestais.



(Edição) Depois da explosão de abril, uma das maiores de sempre, número de trabalhadores sob ameaça de despedimento caiu 53% na primeira quinzena de maio. Índia confinada põe maior grupo de calçado em lay-off. Fundo. Google quer ajudar retalhistas a internacionalizar. Alemanha e França propõem 500 mil milhões. CMVM chumba pedido de fim da OPA à TVI. Montras das lojas de luxo em Lisboa voltam a ganhar vida. PSD pede "algum tempo" entre a saída do Governo e BdP. 900 mil contribuintes pagam menos de 100 euros de IMI. Plataforma Zwypit criou solução de ementas de restaurante acessíveis no telefone. Costa. Orçamento suplementar vai estar associado a programa de emergência.

OBSERVADOR

(Online)- Acha que (ainda) não pode ir a banhos? Este e outros pequenos desconfinamentos que já pode fazer. "

Episódios do dia em que voltámos a ir almoçar fora Os testes a professores, as dúvidas sobre o próximo ano e a telescola no futuro. À boleia do ministro da Educação no regresso às aulas. Direitos à salinha". O estranho regresso às aulas. Ministro não se compromete com regresso de todos. CDS quer descida de impostos com orçamento. 500 mil milhões. Alemanha e França lançam retoma. Covid-19: Combate ao vírus pode passar por usar anticorpos de um paciente recuperado de SARS. China: três vacinas na 2ª fase de ensaios clínicos. Clientes de cafés e restaurantes "estão receosos". TVI. Motivos da Cofina para cancelar OPA recusados. 1,3 milhões para compra de proteções para pesca. Nacionalidade. PS deixa cair obrigação de descendentes de judeus sefarditas terem de residir dois anos no país, mas cria nova exigência. Investigadores da Universidade de Pequim dizem ter descoberto potencial "cura" para a Covid-19.



(Edição) Presidenciais. Como Costa imitou Cavaco, mas se esqueceu de uma parte. António Costa tem na cabeça o guião de Cavaco Silva que perante um Soares imbatível convenceu o PSD a não apresentar candidato às presidenciais. Cavaco até se dava

pior com Soares do que Costa se dá com Marcelo. Só que Cavaco levou o assunto a Congresso e Costa só quer Congresso depois do assunto estar arrumado. Fará diferença? A vacina, quando nascer, também será para todos? Membros da OMS querem acesso livre. Marcelo desconfina a política: responde a Ana Gomes e revela solução europeia em segredo. Ana Gomes: "Congresso depois das presidenciais? O PS não é o partido do dr. Costa!". As fraturas no PS sobre as Presidenciais são uma história com 40 anos. Ferro Rodrigues: "Se as eleições fossem amanhã não hesitaria em votar Marcelo". Descontos, resiliência e as contas ao ano que alguns dão como perdido: como foi a reabertura das lojas na baixa lisboeta. Sai um desinfetante para a mesa 10: o primeiro dia da reabertura dos restaurantes. Ataques de hackers que sobrecarregam sites municipais e educativos para os colapsar triplicam durante a pandemia. Acha uma quebra de 2,4% na economia portuguesa severa? Espere para ver o segundo trimestre. 90% das empresas já estavam a trabalhar no início de maio.



Vacina norte-americana apresenta primeiros resultados positivos contra a covid-19 em humanos. Marcelo pede aos portugueses que visitem património cultural. Mais 1.794 doentes recuperam da doença. Este é o maior aumento desde o início do surto no país. Um novo estudo, publicado pela revista *Frontiers in Medicine*, concluiu que o novo coronavírus já circulava em Wuhan, na China, desde outubro do ano passado. Máscaras. Empresa de João Cordeiro mostra novo certificado. Associação alerta para aumento do número de doentes malnutridos em plena pandemia.



(Online)- Dois casos registados em prisões. Trump ameaça sair da OMS. "Não existe nenhuma quarentena" para emigrantes que regressem ao país", Mariana Vieira da Silva, ministra da Presidência e da Modernização Administrativa.

SÁBADO

(Online) "Desde que as creches fecharam, as crianças quase não tiveram doenças". Covid-19: "Abrir as visitas aos lares esta semana foi precipitado", presidente da Associação de Lares, João Ferreira de Almeida. Covid-19: laboratório anuncia vacina com primeiros resultados positivos-Moderna. Filho

de Bolsonaro suspeito de corrupção. Oposição pede reeleição. Reabertura de escolas não levou a novos surtos de covid-19 na Europa. Mães "tranquilas" e "confiantes" com regresso dos bebés à creche. Covid-19: profissionais de saúde belgas viraram as costas à primeira-ministra. Mães "tranquilas" e "confiantes" com regresso dos bebés à creche. Trump ameaça retirar EUA da OMS em carta "auto-explicatória".

VISÃO

(Online) Clima: combinações potencialmente fatais de humidade e calor estão a surgir já um pouco por todo o mundo. Afinal, a transmissão do coronavírus através das superfícies não está provada. Bagão Félix fora da corrida presidencial: candidatura de Mesquita Nunes "seria interessante". "Marcelo cometeu erros, mas é o melhor candidato para o centro-direita", diz Ribeiro e Castro. Covid-19: Reino Unido acelera corrida à vacina e confirma previsão de primeiras doses já em setembro.



Estudo da OMS sobre a escola. Um estudo da Organização Mundial de Saúde (OMS) coloca Portugal entre os países com níveis mais fracos de gosto pela escola e por exercício físico. Alimentação saudável está acima da média europeia e consumo de canábis diminuiu. O estudo aponta ainda outros desafios a resolver, como por exemplo a questão do consumo de álcool, que "apresenta uma tendência de subida", mas com uma descida dos casos de embriaguez. PSD defende compensações extraordinárias aos profissionais da saúde. Retoma das visitas às prisões e aos centros educativos de menores. Visitas aos idosos do Lar de Vila Boim. Visitas nas casas de quem vive isolado.



Mário Ferreira. "Para mim [as ações da Cofina] são lixo".

Tiago Brandão Rodrigues em entrevista. As escolas já distribuem refeições a 25 mil alunos de famílias carenciadas.

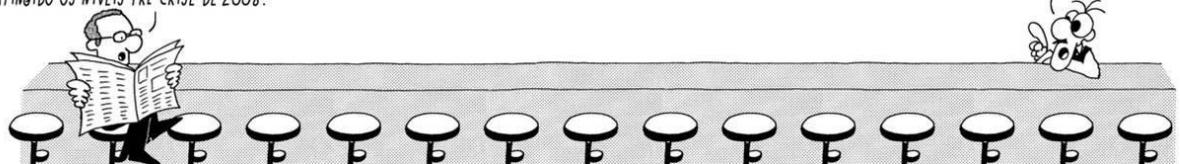
Estudo da OMS sobre a escola - Os adolescentes portugueses são dos que gostam menos da escola. É o que conclui um relatório feito em parceria com a Organização Mundial da Saúde, sobre comportamentos em saúde em crianças em idade escolar. Fenprof denuncia lay-off fraudulento no setor social. Ginásios reúnem-se hoje com a Direção Geral da Saúde. França: partido do

presidente perdeu hoje a maioria absoluta no Parlamento. Caso das máscaras. João Cordeiro queixa-se de perseguição política.

ANTENA 1 **Estudo da OMS conclui que estão a aumentar os problemas mentais nos adolescentes.** Reclusos infetados com coronavírus.

Novo manual de boas práticas para publicidade de jogos e apostas. Entrevista a Edmundo Martinho, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Edmundo Martinho. Ministério da Educação está a distribuir 25.000 refeições por dia a alunos beneficiários da ação social escolar.

O PRIMEIRO-MINISTRO DIZ QUÉ ANTES DE 2022 NÃO ESTAREMOS ONDE ESTÁVAMOS EM 2019. E EM 2019 AINDA NÃO TINHAMOS ATINGIDO OS NÍVEIS PRÉ-CRÍSE DE 2008.



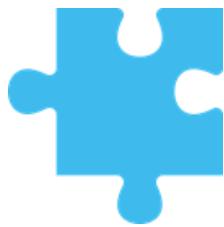
O problema não é que a China não tenha aprendido a lição; o problema é que não podia. E este é o ponto. Numa democracia, uma crise é um teste político: um líder deve manter ou fortalecer a confiança do público, ou correr o risco de ser penalizado na próxima eleição. Mas numa autocracia, uma crise é uma ameaça à legitimidade do regime - na verdade, à sua sobrevivência. Com apostas tão altas, um encobrimento sempre parecerá a aposta mais segura. Esperar que tal governo responda de maneira diferente, como Trump exigiu dos chineses, pode ser o mesmo que pedir mudança de regime.

Shlomo Ben-Ami, ex-ministro de Relações Exteriores de Israel.

Fonte: Project Syndicate

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Mais de 318 mil mortos e mais de 4,8 milhões de infetados em todo o **MUNDO**.
- Número diário de mortes em **ESPAÑA** continua a baixar com 59 nas últimas 24 horas. Total de 27.709 óbitos. Alterou horário de divulgação dos dados. A partir de agora, comunica às 17H as informações das 24 horas do dia anterior.
- **ITÁLIA** registou menos de 100 novos mortos em 24 horas. Total de 32.007 mortes.
- **FRANÇA** regista 131 mortos nas últimas 24 horas. Total de 28.239 óbitos.
- Mais 21 mortos na **ALEMANHA**. Total de 7935 vítimas mortais.
- **REINO UNIDO** regista mais 160 mortes, novo mínimo desde março. Total de 34.796 vítimas mortais.
- **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** ultrapassaram hoje a barreira dos 90.000 mortos e mais de 1,5 milhões de pessoas infetadas por covid-19. EUA com 759 mortos nas últimas 24 horas. Total de 90.309 óbitos.
- Mais 674 mortos e 13.140 infetados no **BRASIL**. Total de 16.792 óbitos.
- Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 2.834 em mais de 88 mil casos
- Números continuam a cair na **BÉLGICA** com 232 novos casos e 29 mortes. Total de 9.108 óbitos.
- **RÚSSIA** abaixo dos dez mil casos diários pelo quarto dia seguido. Total de 2837 vítimas mortais.
- **CHINA** regista seis novos casos nas últimas 24 horas.
- **MÉXICO** ultrapassa as 50 mil infeções, com mais de 5.300 mortos.
- **ÍNDIA** chega aos cem mil casos confirmados.



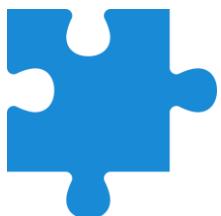
FRASES DO DIA

- **"Eleições presidenciais não são prioridade para os portugueses"**, Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.
- **"Estamos a correr uma maratona, que só deverá terminar em 2022"**, Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.
"Todas as nações dependem e precisam umas das outras e que é preciso fortalecer os sistemas de saúde e os cuidados de saúde universais. Nenhum país está preparado para enfrentar sozinho tal ameaça.", Marta Temido, Ministra da Saúde, na Assembleia Geral da OMS.
- **"Eu julgo que o PS está muito agitado no debate das presidenciais. Esse é um problema dos militantes do PS. O Bloco de Esquerda, no seu tempo, apresentará naturalmente a sua candidatura"**, Catarina Martins, Coordenadora do BE.
- **"Se as eleições fossem amanhã não hesitaria em votar Marcelo"**, Eduardo Ferro Rodrigues, Presidente da Assembleia da República.
- **"Congresso depois das presidenciais? O PS não é o partido do Costa"**, Ana Gomes, Ex-Deputado no Parlamento Europeu.
- **"Depois de tantas semanas de confinamento, chegou o momento de gradualmente regressar aos pequenos hábitos da vida em sociedade."**

Com as devidas cautelas, mas com confiança para revitalizar a nossa economia”, Mário Centeno, ministro das Finanças.

- **“No que toca à desinformação, nunca vamos fazer o suficiente, esta é a doença do século”**, Thierry Breton, Comissário europeu do Mercado Interno.
- **“Por acaso estou a tomar. Estou a tomar hidroxicloroquina. Há algumas semanas, comecei a tomá-la ... recebo muitas ligações positivas sobre isso ... tomo um comprimido todos os dias.”**, Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos.
- **Trump está a tomá-lo porque é ignorante e provavelmente não seguiu os conselhos da comunidade científica norte-americana”**, Filipe Froes, pneumologista.
- **Isto é uma emergência em muitas frentes. É uma emergência de saúde, é uma emergência económica, e também é uma emergência de segurança em torno da desinformação”**, Mark Zuckerberg, presidente do Facebook.
- **Por respeito para com os milhares de portugueses que perderam a totalidade ou parte dos seus rendimentos, apelo, na minha condição de simples cidadão, a que estes “prémios” sejam dispensados em nome da justiça social e da solidariedade; a mesma que o povo português foi obrigado a ter para viabilizar o dito banco e os postos de trabalho que, assim, se conseguiram salvar. Parafraseando o Papa Francisco, a concretizarem-se estas situações, estamos perante uma economia que mata mesmo.”**, Eugénio Fonseca, Presidente da Cáritas Portuguesa.

- “Portugal precisa do Totoloto, mas não conta para o Totobola. Alemanha e a França vão quebrar o lacre que proibia dívidas conjuntas para subsídios a fundo perdido com esta dimensão. Porque a Itália é “grande de mais para falir”. Mas se pensa que 500 mil milhões de euros é dinheiro a rodos, faça as contas, porque não chega para combater a crise”, Pedro Santos Guerreiro, jornalista.



ARTIGOS SELECIONADOS

ACHA QUE (AINDA) NÃO PODE IR A BANHOS? JÁ PODE

Não são só os restaurantes, cafés e esplanadas que já pode frequentar a partir desta segunda-feira respeitando as regras do distanciamento físico e da etiqueta respiratória. Ao contrário do que parecia até aqui, também já pode ir a banhos. Dia 6 de junho abre a época balnear com regras de acesso às praias, mas não há qualquer restrição para ir à praia já. É isso mesmo que consta na resolução do Conselho de Ministros, publicada apenas esta segunda-feira, que definiu esta segunda fase de desconfinamento.

Como é que se cumpre o “dever cívico de recolhimento domiciliário” e ao mesmo tempo se adere ao desafio lançado pelo primeiro-ministro de o país “voltar a ir à rua, retomar a normalidade”? Parece contraditório, mas a resolução do Conselho de Ministros introduziu pequenas alterações que mudam radicalmente o dia a dia

dos portugueses a partir deste dia. O dever cívico mantém-se, mas agora as deslocações autorizadas são tantas como as letras do alfabeto (as exceções vão literalmente de A a Z nas alíneas que constam no artigo 3.º).

Por exemplo, ir a um restaurante é possível, a partir de agora, mesmo cumprindo este dever cívico, já que passam a ser permitidas deslocações “a estabelecimentos, repartições ou serviços não encerrados” nesta nova fase. Isto faz com que os restaurantes que agora reabrem não estão só à distância de quem tem de os utilizar, porque está a trabalhar por exemplo, mas também simplesmente por lazer. Desde que cumprindo as regras de funcionamento, a começar pela capacidade reduzida a 50%.

Em matéria de novos limites para o dever cívico de recolhimento domiciliário, também foi introduzida a possibilidade de “deslocações de menores e seus acompanhantes para frequência dos estabelecimentos escolares e creches”, tendo em conta que esta semana as creches reabriram e recomeçaram as aulas presenciais para os alunos dos 11.º e 12.º anos de escolaridade.

E quanto às praias, o Governo detalhou mesmo que já se pode ir a “banhos”. Na resolução do Conselho de Ministros que entrou em vigor esta segunda-feira (e que se mantém até ao dia 30 deste mês), são permitidas “deslocações para efeitos de fruição de momentos ao ar livre, designadamente em parques, nas marginais, em calçadões, nas praias, mesmo que para banhos, ou similares”.

Até agora, o acesso ao mar era apenas permitido a praticantes de desportos náuticos e a permanência no areal não estava prevista, apenas passeios, o que criou uma situação de difícil gestão, já que bastava levar uma prancha de surf, por

exemplo, para justificar a ida à praia. Mas a partir de agora já não serão necessárias justificações — tudo isso já se pode fazer sem restrição. O único limite que existe é que sejam respeitadas as recomendações e ordens determinadas pelas autoridades de saúde e pelas forças e serviços de segurança, designadamente as respeitantes às distâncias a observar entre as pessoas".

Regras mais apertadas nas praias só a 6 de junho

Mas, afinal, porque se falou na abertura das praias a 6 de junho? Porque é essa a data em que abre a época balnear este ano (o período em que são disponibilizados meios de segurança, como nadadores salvadores, por exemplo).

Foi isso que o Governo definiu e foi para aí que apontou medidas sobre a utilização do areal, de toldos, colmos, as regras de ocupação e a sinalética que vai mostrar o estado de ocupação da praia, que foram conhecidas no final da semana passada.

A medida divulgada pelo Governo deixou a ideia de que o acesso às praias só seria permitido a partir daí, mas a resolução agora conhecida mostra que isso pode ser feito já. E sem as tais restrições, que só vigorarão mais tarde, a partir de 6 de junho.

Até lá, tem de se cumprir apenas as normas de distanciamento físico exigidas, com proibição de ajuntamentos acima de 10 pessoas, por exemplo.

Recorda-se que entre as regras previstas para a época balnear estão corredores de circulação nas "passadeiras, paredão, marginal e calçadão" para garantir o distanciamento de dois metros e ainda nos passeios à beira-mar em que também haverá sentidos únicos de circulação, com um distanciamento físico de 1,5 metros,

podendo ainda ser definidos corredores de circulação, paralelos e perpendiculares à linha de costa. Mas estas regras só estarão em vigor a partir do início de junho. Às forças e serviços de segurança e à polícia municipal continua a competir fiscalizar que as regras são cumpridas, e podem recomendar “a todos os cidadãos o cumprimento do dever cívico de recolhimento domiciliário, bem como o aconselhamento da não concentração de pessoas na via pública e a dispersão das concentrações superiores a 10 pessoas, salvo se pertencerem ao mesmo agregado familiar ou para a realização profissional de filmagens”.

Algumas autarquias com zonas balneares têm definido regras próprias para o acesso às praias, mas, desde que foi permitido o acesso à prática de desportos náuticos, as restrições foram levantadas – o que já levou a algum movimento em várias praias do país, designadamente no último fim de semana. A regra geral fica agora definida, através da resolução que passou a estar em vigor nesta segunda fase de reabertura de atividades, e é a mais alargada desde que o confinamento chegou às praias, no mês de abril.

Também já vai poder regressar aos mercados ou feiras periódicas – tal como o Observador já tinha explicado aqui –, mas fique agora a saber que mesmo ao ar livre terá de usar máscara ou viseira e o mesmo para os feirantes ou comerciantes. Os lugares de venda terão o distanciamento físico necessário e medidas de higiene cumpridas obrigatoriamente e terão de disponibilizar “soluções desinfetantes cutâneas, nas entradas e saídas dos recintos das feiras e mercados, nas instalações sanitárias, quando existentes, bem como a respetiva disponibilização pelos feirantes e comerciantes, quando possível”.

E para visitar museus ou monumentos, como fez esta segunda-feira a título de exemplo o Presidente da República no Padrão dos Descobrimentos, saiba que terá que ter “uma área mínima de 20 m² e distância mínima de 2 m para qualquer outra pessoa”, bem como um sentido único de visita e limites para aceder a espaço mais pequenos. E esqueça museus com interação dos visitantes, porque a recomendação é que esses equipamentos interativos sejam desativados.

Fonte: **Observador**

COVID-19: INSTABILIDADE ECONÓMICA E SOCIAL PODE AUMENTAR SE LÍDERES MUNDIAIS NÃO TOMAREM MEDIDAS – ESTUDO DO WORLD ECONOMIC FORUM

A instabilidade económica e o descontentamento social podem aumentar nos próximos 18 meses a menos que os líderes mundiais, empresas e responsáveis políticos trabalhem em conjunto para gerir as consequências da pandemia, conclui um estudo do World Economic Forum.

De acordo com o estudo ‘COVID-19 Risks Outlook: A Preliminary Mapping and Its Implications’, hoje publicado, à medida que as economias reiniciam a sua atividade, há oportunidade para promover “uma maior igualdade social e sustentabilidade nesta recuperação, o que poderá desencadear uma nova era de prosperidade”.

O relatório, produzido em parceria pela Marsh & McLennan e o Zurich Insurance Group, analisa as perspetivas para os próximos 18 meses de cerca de 350 gestores

de risco, classificando as suas principais preocupações, em termos de probabilidade e de impacto, para o mundo e para as empresas.

Segundo o documento, as consequências económicas imediatas da covid-19 dominam as percepções de risco das empresas e vão desde uma recessão prolongada ao enfraquecimento da situação fiscal das principais economias, passando por restrições mais rigorosas no movimento transfronteiriço de pessoas e bens, até ao colapso dos principais mercados emergentes.

Ao analisar as interconexões entre riscos, o relatório apela para que os líderes ajam no imediato contra uma avalanche de futuros choques sistémicos, como a crise climática, a turbulência geopolítica, o aumento da desigualdade, pressão na saúde mental das pessoas, lacunas no governance tecnológico e a contínua pressão nos sistemas de saúde.

A longo prazo, "estes riscos terão sérias e profundas implicações para as sociedades, para o ambiente e para o governance do avanço tecnológico".

Esta ideia reforça os alertas do Global Risks Report 2020, em que especialistas e decisores mundiais classificaram os riscos ambientais como os cinco principais riscos globais da próxima década, alertando também para as tensões já existentes nos sistemas de saúde.

A última atualização do Global Risks Report apresenta uma análise preliminar de riscos familiares, que podem ser amplificados pela crise provocada por esta pandemia e por novas que possam emergir.

Dois terços dos inquiridos identificaram a "recessão global prolongada" como a grande preocupação para as empresas, enquanto metade identificou como

preocupações cruciais a falência e consolidação da indústria, falha na recuperação das indústrias e interrupção nas cadeias de fornecimento.

Com a rápida digitalização da economia no centro da pandemia, os ataques cibernéticos e fraude de dados são as maiores ameaças, de acordo com metade dos inquiridos.

A quebra das infraestruturas e das redes de IT está também no topo das preocupações, assim como as disruptões geopolíticas e as apertadas restrições no movimento de bens e pessoas constam igualmente do topo da lista de preocupações.

Fonte: **Agência Lusa**

GUARDIÕES DA SAÚDE EUROPEUS SUBESTIMARAM O PERIGO DO VÍRUS

Três dias antes da eclosão da crise na Itália, os especialistas consideraram o risco de espalhar o patógeno no continente "baixo", segundo a ata da reunião do Centro Europeu de Controle e Prevenção de Doenças

A Europa está em 18 de fevereiro à beira da pior epidemia em um século. Apenas três dias antes da Itália descobrir que o SARS-CoV-2 se espalhou silenciosamente no norte do país, constatando que ao longo dos dias também será feito pelos outros países do continente. O vírus, como será conhecido mais tarde, entrou em lares de idosos e vive nos pulmões de pacientes internados na UTI.

Mas as 30 pessoas que iniciam uma reunião de dois dias naquela terça-feira na sede do Centro Europeu de Controle e Prevenção de Doenças (ECDC) em Solna

(suécia) o ignoram. Eles são os membros do conselho técnico consultivo do órgão, os guardiões da saúde pública europeia. Entre eles está o espanhol Fernando Simón. A reunião é quase inteiramente sobre um problema que ainda é considerado sob controle.

A consulta da ata da reunião, à qual o EL PAÍS teve acesso, é um tanto desconcertante. Fica claro que ninguém presente vê o que está prestes a acontecer. Eles consideram o risco para a população europeia "baixo" e quase não existem avisos sobre a periculosidade do vírus, a necessidade de tentar ver se ele já está na Europa, de se apossar dos meios para lidar com ele, de elaborar medidas ... Mas eles só ocupam cerca de vinte os 130 pontos com os quais o documento resume dois dias de deliberações.

Tudo parece ser para mais tarde e até as propostas são adiadas por duas ou três semanas depois. A Áustria e a Eslováquia também apontam o inconveniente de gerar medo entre a população e Fernando Simón alerta para o risco de "estigmatizar" aqueles que são submetidos a testes de diagnóstico. Questionado nesta segunda-feira por este jornal sobre o significado desta declaração, o diretor de emergências do Ministério da Saúde esclareceu que estava se referindo à necessidade de "também controlar a transmissão" do vírus e não apenas focar o problema em poucas pessoas.

Na maioria das vezes, a reunião é dedicada a discussões técnicas e preparatórias, como a definição de quais critérios os pacientes a serem testados devem atender, que em menos de 72 horas começará a pular no ar.

O ECDC é um órgão com poucos poderes. Seu objetivo é contribuir com as propostas de conhecimento e coordenação, para que os países protejam a saúde de sua população com mais eficiência, missão em que nesta ocasião todos estão sobrecarregados com a realidade. A ata, no entanto, já mostra algumas das chaves para o desastre que se aproxima e as propostas que permanecem no ar. Também posições de países que antecipam a gestão da crise que será feita posteriormente.

Fonte: **El País**

CONTEXTO DO RISCO DE INCÊNDIOS É “PREOCUPANTE” EM 2020 – OBSERVATÓRIO

O contexto do risco de incêndios para este ano é “preocupante”, com o impacto da pandemia de covid-19 a juntar-se às preocupações já anteriormente existentes, segundo uma nota hoje divulgada pelo Observatório Técnico Independente da Assembleia da República.

“O contexto do risco para o ano corrente é preocupante”, lê-se no documento, que aponta para a “situação de crise pandémica devido à covid-19, com redução da mobilidade geral da população, e com confinamento especial de grupos de risco, com medidas de distanciamento físico – erradamente designado por ‘social’ – e com restrições à permanência de um número elevado de pessoas em espaços limitados”.

Este novo enquadramento vai influenciar a constituição de equipas, de guarnições, de tripulações de aeronaves, de equipas helitransportadas e postos de comando, “o que levará necessária e obrigatoriamente à elaboração de um plano de

contingência”, sublinha a entidade, acrescentando que os trabalhos decorrem “numa altura em que é incerto o conhecimento sobre a evolução da pandemia nos próximos meses”.

De acordo com a análise ao dispositivo de combate aos incêndios rurais em 2020 feita pelos peritos do observatório, para além da questão da covid-19, “mantêm-se muitas das preocupações anteriores”, uma vez que “para além da influência das alterações climáticas, também a suscetibilidade do território à ocorrência de incêndios rurais não diminui”.

O observatório salienta que tem vindo a chamar “a atenção para as metas de ocupação por espécie estabelecidas pelos Planos Regionais de Ordenamento Florestal (PROF) para 2030 e 2050 (OTI 2018)” e que “a revisão destas metas decorre da necessidade de adequar o coberto florestal à redução do risco de incêndio, através da redução da área das espécies mais inflamáveis como o eucalipto e o pinheiro bravo e a inversa expansão de espécies folhosas como os carvalhos”.

Os especialistas consideram que os PROF “continuam a ser o instrumento para a redefinição das florestas no sentido de aumentar a sua resiliência, impondo a definição de um coberto e modelos de gestão adequados e favorecendo a expansão de espécies menos inflamáveis”.

Por outro lado, “mantêm-se as fragilidades quanto a peças do planeamento, que assenta uma vez mais no mapa de perigosidade, distribuindo os recursos e meios com base nesta cartografia”, refere o observatório, vincando que “já chamou a atenção para o risco de que o planeamento operacional tenha por base esta cartografia”.

Isto, porque “classifica como de alta perigosidade zonas recentemente percorridas por incêndio”, frisou, ou seja, “este processo resulta na sobrevalorização do risco de incêndio em áreas já ardidas em detrimento de outras zonas do país com maior risco potencial”.

Mais, segundo o observatório, também se regista que o presente Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Rurais (DECIR) “não reflete explicitamente as preocupações vertidas nos estudos que o Observatório tem realizado, tanto no posicionamento estratégico para a primeira intervenção, como para a importância da intervenção no combate noturno, que se revelou muito pouco eficaz nos incêndios de Monchique e de Vila de Rei analisados por este Observatório”.

A entidade sugere que “o dispositivo poderia dispor de equipas especializadas com maior mobilidade e autoridade de intervenção nos teatros de operação mais complexos”.

O observatório regista igualmente “alguma falta de integração do dispositivo de combate com o restante dispositivo do Sistema Integrado de Gestão de Fogos Rurais, nomeadamente em relação às componentes de vigilância, deteção, defesa das populações ou investigação das causas”.

E alerta que “a pouca integração destes aspetos resulta da falta de organização de um verdadeiro sistema integrado com coerência territorial e da inexistência de um Plano Nacional de Gestão Integrada de Fogos Rurais, questão para a qual este Observatório tem sistematicamente alertado”.

Por fim, os especialistas registam que a análise feita incide apenas sobre a descrição do DECIR, e, em particular na quantidade de meios disponíveis para combater os incêndios.

"Sabe-se, no entanto, que a eficiência e eficácia do combate, particularmente em situações mais complexas, depende fortemente da qualidade da intervenção", realça o observatório, concluindo que isso "exige cada vez maior ênfase na formação e qualificação dos agentes".

Fonte: **Agência Lusa**



OPINIÃO

A RAZÃO TÁCITA DOS CONFINAMENTOS

LONDRES - A pandemia do COVID-19 é a primeira grande crise global da história da humanidade a ser tratada como um problema matemático, com os governos a considerarem a política apenas como a solução de recurso para superar as diferentes equações da ciência. Excluindo alguns diletantes - incluindo, é claro, o presidente dos EUA, Donald Trump - a maioria dos líderes políticos acedeu servilmente à "ciência" no combate ao vírus. O exemplo mais claro disso foi a repentina mudança de orientação do governo do Reino Unido em 23 de março para uma política agressiva de confinamento, após uma previsão dos

investigadores do Imperial College London de até 550.000 mortes, se nada fosse feito para combater a pandemia.

Durante muito tempo após o surgimento do HIV / AIDS na década de 1980, os decisores políticos e o público evitaram preocupar-se com o surto, quanto mais reconhecer a sua escala da disseminação. Um dos principais cientistas da linha de frente da crise da SIDA vê paralelos preocupantes, mas edificantes, entre esse surto e a pandemia do COVID-19.

Este modelo em que as perguntas são respondidas com experiências é a abordagem científica adequada. Pode-se testar um novo medicamento submetendo dois grupos de ratos de laboratório a condições idênticas, exceto o medicamento que recebem, ou administrá-lo a humanos selecionados aleatoriamente em ensaios clínicos.

Mas não se pode inserir deliberadamente um vírus na população humana para testar seus efeitos, embora alguns médicos dos campos de concentração nazis o tenham feito. Em vez disso, os cientistas usam seu conhecimento do patógeno infecioso para modelar o padrão de contágio de uma doença e, de seguida, ponderam que decisões políticas em relação às dinâmicas individuais e comunitárias os podem moldar.

A modelagem de previsão foi desenvolvida para a malária, pela primeira vez, há mais de um século por um médico inglês quase esquecido, Ronald Ross. Num fascinante livro de 2020, o matemático e epidemiologista Adam Kucharski mostrou como Ross identificou o mosquito como o agente infecioso através de experiências em aves. A partir desse facto, desenvolveu um modelo de previsão de transmissão

da malária, que mais tarde foi generalizado como o modelo SIR (Susceptível, Infetado e Recuperado) das epidemias de doenças contagiosas.

A questão que interessava aos epidemiologistas não era o que desencadeava uma epidemia, mas o que a poderia fazer diminuir ou acabar. Concluíram que as epidemias terminam naturalmente quando um número suficiente de pessoas sofre da doença, de modo que as taxas de transmissão adicionais diminuem. Basicamente, o vírus fica sem receptores ou hospedeiros para se reproduzir. No jargão de hoje, a população desenvolve "imunidade de grupo".

A ciência desenvolvida a partir do modelo original de Ross é quase universalmente aceita e foi aplicada de maneira proveitosa noutras contextos, como o do contágio financeiro. Mas nenhum decisivo político está preparado para permitir que uma epidemia de assassinos siga seu curso natural, porque o número potencial de mortes seria inaceitável.

Como atualmente não existe uma vacina para a COVID-19, os governos tiveram de encontrar outras maneiras de prevenir o "excesso de mortes". A maioria optou por confinamentos e suspensões de atividades sociais e económicas, que retiraram populações inteiras da rota do vírus e, desse modo, reduziram a disponibilidade de hospedeiros.

No entanto, dois meses após o confinamento europeu, as evidências sugerem que essas medidas por si só não tiveram muito efeito médico. Por exemplo, a Suécia, com seu confinamento excepcionalmente leve, teve menos mortes por COVID-19 em relação à sua população do que a Itália e a Espanha, fortemente fechadas. E embora o Reino Unido e a Alemanha tenham sido agressivamente trancados, a

Alemanha registou até agora 96 mortes por milhão de habitantes, em comparação com 520 por milhão no Reino Unido.

A diferença crucial entre a Alemanha e o Reino Unido parece estar nas respetivas respostas médicas. A Alemanha começou a testar em massa, a rastrear contatos e a isolar os infetados e expostos alguns dias após a confirmação de seus primeiros casos de COVID-19, gerando assim uma vantagem inicial na redução da propagação do vírus.

O Reino Unido, por outro lado, é prejudicado pela incoerência do governo e pelo que o ex-secretário de Relações Exteriores David Owen (ele próprio médico) chamou de "vandalismo estrutural" infligido ao Serviço Nacional de Saúde por anos de cortes, fragmentação e centralização. Como resultado, o país não possuía as ferramentas médicas para uma resposta no estilo alemão.

A ciência não pode determinar qual deveria ser a resposta correta à COVID-19 para cada país. Um modelo pode ser considerado validado se suas previsões corresponderem a resultados na vida real. Porém, em epidemiologia, podemos ter certeza de que isso acontecerá apenas se um vírus com propriedades conhecidas puder seguir seu curso natural numa determinada população ou se houver uma única intervenção como uma vacina, cujos resultados podem ser previstos com precisão.

Muitas variáveis – incluindo, por exemplo, capacidade médica ou características culturais – podem baralhar o modelo, e ele começa a debitar cenários e previsões tresloucadas. Hoje, os epidemiologistas não podem dizer-nos quais serão os

efeitos da atual combinação de políticas da COVID-19. "Saberemos apenas dentro de um ano ou mais", dizem eles.

O resultado dependerá, portanto, da política. E a política de resposta à COVID-19 é clara o suficiente: os governos não podiam arriscar a propagação natural da infecção e achavam muito complicado ou politicamente complicado tentar isolar apenas aqueles com maior risco de doenças graves ou morte, como os 15-20% da população com mais de 65 anos.

A resposta política padrão foi retardar a propagação da imunidade natural até que uma vacina pudesse ser desenvolvida. "Achatar a curva" significa realmente espaçar o número de mortes esperadas ao longo de um período longo o suficiente para que os cuidados de saúde consigam acomodar as respostas e uma vacina entre em ação.

Mas esta estratégia tem uma fraqueza terrível: os governos não podem manter as populações confinadas até que uma vacina chegue. Para além de outras questões, o custo económico seria impensável. Então, precisam de concretizar o desconfinamento.

No entanto, como um desconfinamento sem condições ampliaria o risco de contágio sem controle, nenhum governo tem uma estratégia explícita de saída, havendo soluções graduais, com avaliação da evolução. O que os líderes políticos chamam de "alívio controlado" dos confinamentos significa realmente progresso controlado em direção à imunidade de grupo.

Os governos não podem admitir isso abertamente, porque isso significaria admitir que a imunidade do grupo é o objetivo. E ainda não se sabe se e por quanto tempo

a infecção confere imunidade. Então é preferível perseguir este objetivo silenciosamente, sob uma nuvem de opacidade, e esperar que uma vacina chegue antes que a maioria da população seja infetada.

Robert Skidelsky, membro da Câmara dos Lordes britânica, é professor emérito de economia política da Universidade de Warwick.

Fonte: **Project Syndicate**

VIVA O RESTAURANTE!

Estive a pensar nas coisas que podemos fazer para facilitar a vida aos restaurantes, agora que começam a reabrir.

Os clientes portugueses portam-se mal com os restaurantes porque acham que são eles que estão a fazer um favor às casas onde se dignam ir. Por conseguinte, portam-se como lordes e beneméritos. Mas qual favor? A relação com um restaurante é um contrato. Nós não fazemos favores: procuramos prazer e poupança de tempo e de dinheiro, já que seria mais caro (e moroso) fazermos os pratos em casa, se soubéssemos fazê-los.

Aquilo que podemos fazer para facilitar o trabalho deles só nos convém. Porquê? Porque os restaurantes perdem muito tempo, paciência e vontade de trabalhar a aturar os clientes que não facilitam.

Número 1: Continuar a ir aos restaurantes. E divertir-se. A situação actual é única e no futuro servirá para muitas recordações divertidas. Quanto mais sérios formos nos cuidados sanitários mais fácil será levarmos tudo na brincadeira.

Número 2: Marcar sempre mesa.

Número 3: Chegar um bocadinho antes da hora ou em cima da hora. Se vir que vai chegar tarde telefone para libertar a mesa e fazer outra reserva.

Número 4: Comer descansadamente, mas não demorar à mesa depois de terminar a refeição.

Número 5: Aprender os encantos lusitanos da encomenda. Não digo para o dia seguinte, mas com umas horas de antecedência, para dar tempo ao restaurante para se preparar.

Os restaurantes são uma diversão tão gregária como gastronómica. E são teatro.

Quanto mais tempo sobrar para o convívio, melhor.

Para todos.

Miguel Esteves Cardoso, Cronista.

Fonte: **Público**

